

UM AMARELO DE TODAS AS CORES

MANUAL DO RECURSO



T3TRIS
GIRO
GERAÇÃO TECLA

interculturalidade

RE / FAZER ESCOLA
COM O ESCOLHAS
COLHAS



T3TRIS.PE@GMAIL.COM

ÍNDICE

- 04 ____ INTRODUÇÃO
- 06 ____ ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL
- 06 ____ CULTURA CIGANA E ESCOLA
- 08 ____ PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO
- 09 ____ SARILHOS DO AMARELO - CONTRIBUTOS PARA O SUCESSO
ACADÉMICO
- 12 ____ NARRATIVA DA PRÁTICA
- 12 ____ CARACTERIZAÇÃO GLOBAL DA POPULAÇÃO
- 18 ____ CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE IMPLEMENTAÇÃO
E DO PÚBLICO-ALVO
- 20 ____ IMPLEMENTAÇÃO DO RECURSO
- 27 ____ NOTAS
- 31 ____ AVALIAÇÃO
- 36 ____ CONSIDERAÇÕES FINAIS
- 39 ____ NOTAS
- 43 ____ BIBLIOGRAFIA



DVD ___ ANEXOS

- MANUAL TEÓRICO DO PROJETO SARILHOS DO AMARELO (ROSÁRIO, P., 2007);
- QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE PROBLEMÁTICAS ESCOLARES (QAPE) – UNIVERSIDADE DO MINHO;
- QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS ACERCA DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS;
- CANÇÃO ORIGINAL DO AMARELO;
- MÚSICA DO AMARELO – GIRO;
- MÚSICA DO AMARELO EM KALON – GERAÇÃO TECLA;
- TEATRO DO SARILHOS DO AMARELO – T3TRIS;
- GUIÃO AUDIOVISUAL DE CONSTRUÇÃO DE FANTOCHES E APLICAÇÃO DO TEATRO;
- GUIÃO DO TEATRO – CENAS COMPLETAS;
- FOTOS VARIADAS DAS ATIVIDADES.

INTRODUÇÃO




A palavra projeto sugere movimento e mudança e, pensando sobre ela, facilmente chegaremos ao propósito do que se intenta com o que se concebe no presente manual. Apresenta-se como um plano onde se definem objetivos e ações a desenvolver, com vista à promoção das capacidades e competências por parte dos alunos, que se espera que potencie a posterior melhoria das suas aprendizagens, do seu desempenho escolar, da sua autoestima e desse modo, da sua integração e inclusão escolar e social. É um passo em frente na sua formação como cidadãos conscientes e responsáveis, num equilíbrio entre o meio, a sua cultura e a própria cultura escolar, com vista a colmatar os problemas e necessidades identificadas, tais como a ausência de dispositivos pedagógicos que promovam a inclusão escolar de crianças e jovens em situação de exclusão social em específico pertencentes à etnia cigana.

Fruto de uma reflexão fundada no diagnóstico existente e da união de potencialidades/sinergias de diferentes projetos que trabalham as questões académicas e levada a cabo pela equipa de trabalho, surge pois, o que poderemos denominar de **Package Pedagógico**, sintetizando o trabalho posto em prática na área da autorregulação da aprendizagem. Em parceria com a Universidade do Minho (com a equipa de investigação em autorregulação do Instituto de Psicologia), apropriamo-nos de uma ferramenta já existente, adaptando-a ao nosso público.

Assim, o Sarilhos do Amarelo visa fomentar competências autorreguladoras dos processos de aprendizagem e a autonomia desses mesmos processos nas crianças do primeiro ciclo, fundamentais no processo escolar e de formação ao longo da vida. Este package pretende trabalhar o racional teórico e as estratégias de autorregulação da aprendizagem através da narrativa de uma estória (disponível na maioria das livrarias do mercado - edição pela Porto Editora), que povoa o imaginário das crianças, permitindo-lhes refletir sobre situações, ideias e contextos através de um conjunto de personagens personificadas que vivem situações idênticas às crianças desta idade (ver mais informação no site: www.guia-psiedu.com/intervencao/amarelo.php).

O Sarilhos não é uma atividade a desenvolver à margem do processo curricular, mas sim em consonância com o mesmo, pois trabalha competências transversais, tais



como: planificação de tarefas, estabelecimento de objetivos e organização dos mesmos, monitorização e execução de tarefas, avaliação do resultado final, baseando-se na estória do Amarelo.

A área estratégica de intervenção deste recurso - inclusão escolar e educação não formal pressupõe a "(...) utilização instrumental da narrativa como um meio para promover os processos de autorregulação da aprendizagem". O **Package pedagógico** é composto por: **livro com boas práticas e narrativa da ação, a caracterização das comunidades ciganas (rural e urbanas) com as quais os projetos trabalham, ferramentas e a metodologia da sua aplicação, relato de experiências da utilização de estórias e respetivas atividades implementadas; teatro de fantoches;** bem como outros materiais.

Os objetivos do recurso visam, como já mencionado, promover o aumento de competências pessoais, sociais e de aprendizagem, com vista a uma maior inclusão escolar, ao aumento da capacidade de intervenção nestas realidades por parte de professores, técnicos, e crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos mais vulneráveis, descendentes de imigrantes e minorias étnicas. Pretende ainda intervir com crianças e jovens em abandono escolar precoce, sem escolaridade obrigatória, que estão ou estiveram sujeitos a medidas tutelares educativas e ou medidas de promoção e proteção, residentes em territórios com maior índice de exclusão e com poucas respostas institucionais, em específico alunos do 1º ciclo pertencentes às comunidades de Santa Tecla, Picoto e Prado (Braga).

Para nós, enquanto técnicos da área social, o grande desafio foi a adaptação de algo já criado e testado em contextos socioeconómicos mais favorecidos às nossas crianças.

ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL




CULTURA CIGANA E ESCOLA

A cultura e as tradições ciganas têm uma grande influência no processo educativo dos alunos destas comunidades. As crianças e jovens ciganos atribuem pouca importância à escola. As razões que para tal contribuem são de ordem cultural, social e de diferenciação de género, nomeadamente, um número significativo de raparigas afirma não gostar da escola, pois têm medo do julgamento intrapares e pelo facto de no seio da sua comunidade poder ser posta em causa a sua reputação (Azevedo, R. 2011).

A população cigana vê a escola como um “meio que, não lhe sendo hostil, é desconhecido e ameaçador na medida em que não funciona segundo as regras que conhece” (Casa-Nova & Palmeira, 2008, p.21, cit. in Azevedo, R. 2011). A escola tem para os ciganos uma importância marginal quando comparada com as diversas atividades quotidianas exercidas por eles (Casa-Nova, 2006), tal como as feiras, mas também as exigências sociais da sua cultura, como a família e as festas.

As normas da sala de aula, implícitas para a sociedade maioritária, não são óbvias para os ciganos, o que lhes dificulta o acesso às mesmas. Segundo Bhopal (2010, cit. in Azevedo, R. 2011), essas regras têm um fator de complexidade acrescido para as crianças ciganas, dado que crescem e são educadas em liberdade e em constante confronto com o mundo exterior, tudo o que não é possível, em grande medida, ser praticado na escola.

Há estudos que revelam que os pais ciganos pensam que uma relação prolongada dos filhos com a escola pode desestruturar e “diluir” a cultura cigana, pondo em risco o seu sistema de valores (Liégeois, 1998; O’Hanlon & Holmes, 2004, cit. in Azevedo, R. 2011). Segundo Bowers (2004, cit. in Azevedo, R. 2011) alguns pais vêem a escola como uma fonte de Gorgification, processo que atua como uma “erosão” dos valores e identidade cigana, embora reconheçam o valor da educação. Outros autores (e.g., Bhopal, 2006; Preston, 2005; Reynolds, McCartan & Knipe, 2003, cit. in Azevedo, R. 2011), também verificaram existir esta atitude de perceção ameaçadora desta cultura.



Os pais tentam proteger os seus filhos através de um ambiente fechado, protetor e familiar, característico da sua forma de viver. Esta proteção acenta em torno de dois focos: a própria tradição e estilo de vida e as influências negativas da sociedade maioritária (Myers et al., 2010, cit. Azevedo, R. 2011). No entanto, e apesar desta lógica protetora evidenciada pelos pais, estes entram em contradição relativamente à segurança dos seus filhos. Por um lado, vêem-nos como vulneráveis aos perigos da sociedade maioritária acima referidos, mas por outro, fazem perpetuar uma cultura que exige a entrada na idade adulta de forma muito precoce, com responsabilidades que excedem em muito as dos seus pares “sinhôres” (Myers et al., 2010, cit. in Azevedo, R. 2011).

Em relação aos professores, num estudo realizado por Dominguez (1999) em Espanha, os professores referem que do conjunto de problemas revelados pelas crianças ciganas sobressaem em relação à escola engloba a baixa autoestima, o comportamento agressivo, o baixo nível de atenção, a falta de assiduidade, de respeito e de obediência e ainda a falta de interesse em aprender. Outros estudos (Bhopal, 2010; Levinson, 2005; Lloyd & Stead, 2001, cit. in Azevedo, R. 2011) indicam ainda que os professores vêem os alunos ciganos como disruptivos e questionadores da autoridade dentro da sala de aula. As atitudes negativas dos professores face aos ciganos e o tratamento diferencial, se perpetuados, terão um efeito nocivo no sentido de que estes alunos continuarão a ser “underachievers” (Bhopal, 2010, cit. in Azevedo, R. 2011).

Assim, a má relação escola-ciganos, verificada em muitos casos, tem como principal motor os baixos índices de escolaridade em conjunto com o elevado absentismo, associados à discriminação e segregação de que são alvo (Casa-Nova, 2006).

Devido a todos os factores já mencionados, os níveis de insucesso escolar nas crianças e jovens de etnia cigana são extremamente elevados. Observa-se também que para o mesmo nível de aprendizagem formal, a idade dos alunos ciganos é bastante superior à dos restantes alunos não-ciganos, o que reflete a elevada taxa de reprovações no seio desta comunidade (Certal, C. 2012).

Esta baixa escolaridade ou mesmo a sua inexistência, associada ao racismo maioria-minoria atua como um handicap inibidor da inserção no mercado de trabalho que os

mesmos percebem como tal, reduzindo-lhes o leque de profissões, uma vez que os impossibilita de se candidatarem a empregos que não as tradicionais ocupações ciganas (Casa-Nova & Palmeira, 2008, cit. in Azevedo, R. 2011). É interessante até ressaltar que existem algumas linhagens ciganas para as quais o analfabetismo é visto como o mais importante fator para a preservação cultural da etnia cigana (Simões, 2007, cit. in Azevedo, R. 2011).

Ressalve-se, por outro lado, que alguns pais ciganos começam a atribuir cada vez mais importância à escola, percebendo-a como uma forma de empowerment e percebendo a educação não como uma ameaça à cultura cigana, mas antes como um meio essencial para a manter viva (Derrington, 2005; Levinson & Sparkes, 2006, cit. in Azevedo, R. 2011). Ainda que a atitude face à educação por parte dos pais possa estar em mudança, permanecem como prioritários relativamente à escola a participação em compromissos pessoais e familiares (e.g., compromissos de trabalho, doença, funerais, casamentos, batismos ou parentes hospitalizados). Estas prioridades e obrigações morais quando não entendidas ou subestimadas pela escola, podem atuar como fonte de tensão numa relação já não muito sólida (Myers et al., 2010, cit. in Azevedo, R. 2011). Daí que cabe também aos professores empenharem-se na construção de uma base relacional com os alunos, fundada na confiança, o que passa em grande medida pelo conhecimento e compreensão por alguns aspetos da cultura cigana (Danaher, Coombes & Kiddle, 2007, cit. in Azevedo, R. 2011).

PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Escolha de uma ferramenta “Evidence Based”

Uma vez abordados os problemas associados às crianças e jovens de cultura cigana versus comunidade escolar, justificamos a pertinência do desenvolvimento de competências autorregulatórias nas nossas crianças.

Escolhemos uma ferramenta de investigação que provou ter bons resultados aplicada em contextos diferentes dos Projetos Geração Tecla, Giro e T3tris, que a investigação traduz como Evidence Based.

De acordo com o National Institute for Health and Clinical Excellence (in http://en.wikipedia.org/wiki/Evidence-based_medicine), uma ferramenta Evidence Based é aquela que já foi testada e cujos resultados estão explícitos em artigos científicos. Estas apresentam os resultados e as evidências do estudo realizado acerca da ferramenta, mencionando as recomendações para a aplicações futuras. Daí que foi pensado, entre a equipa da Universidade do Minho e os nossos projetos, um novo desafio: validar e promover o Sarilhos do Amarelo com um grupo de alunos considerado em risco de exclusão / de um baixo estatuto socioeconómico.

SARILHOS DO AMARELO - CONTRIBUTOS PARA O SUCESSO ACADÉMICO

Uma vez clara a necessidade de estimular competências autorregulatórias nas crianças, a opção pelo projeto Sarilhos do Amarelo baseou-se na metodologia em que esta ferramenta se fundamenta, no modo como poderia ir de encontro às características dos projetos em questão e, claro está, da população alvo que serve.

Sabemos que a vida está organizada de uma forma narrativa e que as estórias povoam o imaginário das crianças, pelo que a utilização de uma estória como forma de intencionalizar um conjunto de processos e estratégias de aprendizagem a ser trabalhadas com as crianças, mas que também engloba aspetos emocionais e comportamentais que intervêm na aprendizagem, o que faz todo o sentido (Rosário, Nuñez & González-Pienda 2007). Sabendo que a cultura cigana tem uma longa tradição, utilizando as narrativas como forma de transmitir conhecimentos sobre a sua cultura, o que amplia a potencialidade desta ferramenta junto das crianças ciganas.

O estilo narrativo confere a esta ferramenta um carácter dinâmico permitindo uma adaptação ecológica ao contexto específico de aprendizagem, que no presente caso se traduziu pela adaptação, quando possível, das atividades ao contexto cultural cigano. Esta flexibilização permite que as crianças ciganas aprendam estratégias e reflitam sobre situações e reptos reais e próximos da sua vivência quotidiana (Rosário, P. et al, 2007). Num estilo não prescritivo, desafiador e humorado, as crianças têm oportunidade de aprender um leque alargado de estratégias de aprendizagem e de refletir sobre situações, ideias e reptos em contexto, através de um conjunto de

personagens que experienciam aprendizagens próximas das suas. Esta proximidade discursiva facilita a discussão e a tomada de perspectiva das crianças face aos conteúdos estratégicos apresentados no texto e a partir daí, a realização de um conjunto de atividades organizadas para muscular as competências de aprendizagem. O carácter plástico desta ferramenta permite que a estória Sarilhos do Amarelo possa ser lida e trabalhada na escola, mas também no ambiente familiar (Rosário, Nuñez & González-Pienda 2007).

A autorregulação da aprendizagem é um conceito embebido na tradição construtivista que urge a criança a assumir a responsabilidade pelo seu agir educativo, pela sua aprendizagem. Definimo-lo como: ‘um processo ativo no qual os sujeitos estabelecem os objetivos que norteiam a sua aprendizagem tentando monitorizar, regular e controlar as suas cognições, motivação e comportamentos com o intuito de os alcançar’ (Rosário, 2004b, p. 37).

A capacidade para autorregular a aprendizagem, quer académica, quer alargada a outros contextos de vida é vista atualmente, como uma competência chave para uma vida bem sucedida (Dignath, Buettnerf, & Langfeldt, 2008, cit. in Fernandes, O. 2009). Neste sentido, considera-se que os alunos só desenvolvem a sua autorregulação se tiverem possibilidade de a exibirem de forma autónoma, pelo que a exigência de que os diversos contextos sociais em que o indivíduo se integra sejam promotores de oportunidades efetivas para a prática da aprendizagem autorregulada por parte do aluno, revela-se de uma importância extrema (Rosário, Almeida, Guimarães, & Pacheco, 2001, cit. in Fernandes, O. 2009).

A lógica da autorregulação reforça a tónica processual do aprender. É um conceito que exalta a promoção da autonomia, centrada no papel agente das crianças que desta forma se assumem como capitães do seu aprender. ‘Aprender é olhar o mundo diferentemente, compreendendo de uma forma progressivamente mais substantiva os seus “quês” e “porquês”. (...) Aprender é autorregular o querer e o fazer’ (Rosário, Nuñez & González-Pienda 2007).

A investigação realizada (Hwang & Gorrel, 2001; Perry, 1998; Perry e col., 2002, 2004; Whitebread e col, 2004; McGuinness, 2000, 2005; Costa, 2006 e Rosário e col., 2005a) sugere que as crianças do pré-escolar e do 1.º ciclo podem ser instruídas na

aprendizagem autorregulada através da narração de estórias ou da visualização de vídeos onde podem observar os comportamentos autorregulados de outras crianças seus pares. Por estes motivos e a partir destes dados, em vez de perguntarmos se uma criança é capaz de entender os processos associados e de autorregular a sua aprendizagem, deveríamos perguntar em que grau essa criança pode operacionalizar as competências autorregulatórias e, em seguida, equacionar a possibilidade de as promover com intencionalidade (McGuinness, 2000; Rosário et al., 2004a; 2006a; Turner, 1995; Whitebread et al., 2004).

Especificamente para estes projetos, o Sarilhos do Amarelo tenta responder a este último objetivo, partindo das características de aprendizagem das crianças ciganas e procurando conteúdos próximos da sua cultura, aplicando-os a todos os alunos da sala de aula. Assim, esta ferramenta surge como um programa que tendo como meta principal ensinar e promover competências autorregulatórias nas crianças, sendo também um veículo para a continuidade escolar e consequente formação das crianças ciganas. Com isto, pretende-se auxiliá-las no sentido de enfrentarem as aprendizagens de forma mais competente e capacitá-las para aprender a aprender e assim contribuir para o sucesso escolar futuro. A promoção da autonomia e dos processos autorregulatórios consiste numa componente essencial no processo escolar e de formação ao longo da vida (Rosário, P. et al, 2007).

O Sarilhos do Amarelo é portanto um estória que conduz à consciente tomada de decisão e à assertividade na resolução de problemas, ensinando às crianças a necessidade de utilizar o PLEA (Planear, Executar, Avaliar). O PLEA trata-se de uma fácil metodologia que pretende “treinar” as etapas necessárias para a boa resolução de problemas e tarefas.

NARRATIVA DA PRÁTICA



CARACTERIZAÇÃO GLOBAL DA POPULAÇÃO

Caracterização das comunidades ciganas Concelho Braga (Certal, C. 2010)

Em 2010, estimava-se que residiam no concelho de Braga aproximadamente 900 indivíduos de etnia cigana, apontando-se para a existência de cerca de 200 agregados familiares, dos quais 165 usufruíam de apoio habitacional assegurado pelo município. Cerca de 78% da população cigana do concelho de Braga, possui apoio habitacional, (668 indivíduos agrupados em apartamentos dispersos pela cidade ou em Bairros Sociais) (Certal, 2010).

No que concerne à estrutura familiar, a maior parte das famílias são biparentais (58,1%), seguidas das famílias alargadas (29,1%). As pessoas isoladas correspondem a 6,4% da população de etnia cigana, sucedendo os casais sem filhos (3,2%) e as famílias monoparentais (3,2%). Dados obtidos no ano de 2008, apontam que, quanto à estrutura etária, 60,2% da população são adultos, com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos e 32,1% da população são jovens com idades inferiores a 14 anos. A população idosa, com 65 ou mais anos, representa 7,8% da população (Certal, 2010).

Ao nível das qualificações, 36,6% concluiu o 1º. ciclo do ensino básico, 27,8% são analfabetos e 31,2% não completou o ensino básico e apenas 4,4% têm escolaridade acima do 1º ciclo do ensino básico, mas até ao limite da escolaridade mínima obrigatória (9º ano). No que se refere à situação profissional, 31,5% da população exerce uma profissão, predominando a de vendedores ambulantes, 29,8% são inativos, 14,8% são estudantes, 14,1% pensionistas ou reformados e 9,8% estavam desempregados.

A população de etnia cigana do concelho de Braga está dispersa pelos cinco bairros sociais existentes (Bairro Social de Sta. Tecla, Bairro Social das Enguardas, Bairro Social das Andorinhas, Bairro Social da Ponte dos Falcões e Complexo Habitacional do Picoto), por alguns apartamentos dispersos pela cidade (concentrados sobretudo na zona do Fujacal, Rua Conselheiro Lobato Faria, e Dume) e existe ainda uma zona residual de barracas onde vivem 8 agregados familiares (Monte de S. Gregório).

Dados do Complexo Habitacional do Picoto - Uma das áreas de intervenção Projecto t3tris

O Complexo Habitacional do Picoto é constituído por 50 focos habitacionais, dos quais 44 se encontram habitados. Todos os agregados familiares são de etnia cigana e a dimensão média destes agregados é de 4 pessoas. A população possui baixas habilitações literárias, sendo que ninguém tem o 3º ciclo do ensino básico. Relativamente ao emprego, 38% dos residentes exerce uma profissão (100% vendedores ambulantes). Quanto à restante população, 24% estão desempregados, 16% estão reformados e 16% são domésticos.

Nesta zona destacamos algumas atividades menos lícitas como as lutas de cães e o tráfico de droga, sendo que 6% da população está detida por tráfico. Estão ainda identificadas 11 situações de toxicodependência, todos do género masculino.

Algumas necessidades da população infanto-juvenil desta comunidade devem ser realçadas o que justifica a sua participação no presente projeto:

- Pobreza / Desemprego dos cuidadores devido ao facto de serem famílias com baixo nível de habilitações académicas; falta de motivação face à procura / criação de emprego; dependência de rendimentos de apoio; discriminação por parte das entidades empregadoras;
- Carências ao nível das condições básicas de salubridade, devido à pobreza; ausência de condições para suportar água quente; habitações degradadas; falta de recursos para suportar os gastos nos centros de saúde; sentimento de exclusão social quando recorrem a centros de saúde públicos; ausência de educação acerca dos cuidados básicos de higiene; negligência;
- Abandono/ Absentismo Escolar / Insucesso Académico pela falta de motivação em relação à escola; falta de competências de autorregulação emocional e da aprendizagem; famílias negligentes; famílias que não permitem o ingresso dos seus filhos na escola em turmas com alunos de outras etnias; entrada precoce no mundo do trabalho; famílias numerosas; gravidez muito precoce, que conduz ao abandono escolar por parte das jovens.

Dados do Bairro Social de Santa Tecla - Projecto Geração Tecla

O bairro social de Santa Tecla situa-se na zona sul da cidade de Braga. Aquando da sua construção situava-se na periferia da cidade, mas depressa se integrou na área urbana da cidade devido ao seu rápido crescimento nos anos 80/90. É composto por 182 focos habitacionais, dos quais 64 são habitados por indivíduos de etnia cigana (35,2%).

Este espaço residencial encontra-se dotado de algumas infraestruturas: as ruas são largas e os passeios espaçosos, foram construídos estacionamento e pequenos jardins circundantes aos edifícios, sendo que estes últimos não se encontram em muito bom estado de conservação, pois os moradores estacionam lá os seus automóveis; nas traseiras do bairro existe um ringue para a prática desportiva.

Nas caves de alguns edifícios existem salas polivalentes que estavam inicialmente previstas para a instalação de equipamentos sociais. No entanto, devido aos sucedidos atos de vandalismo, não existe até agora qualquer equipamento ou associação sedeadada no bairro, à exceção da casa de culto da Congregação Cristã em Portugal, frequentada quase exclusivamente por elementos de etnia cigana.

Trata-se de uma comunidade onde, numa área relativamente reduzida, habitam cerca de 504 pessoas, num total de 182 agregados familiares, existindo alguma expressão relativamente à comunidade cigana (39%), e onde também estão representados, embora em percentagem residual, agregados de origem africana.

De referir que a nível concelhio, este é o maior aglomerado de elementos de etnia cigana. Muitos deles embora já habitando há alguns anos em apartamentos não respeitam as regras que o tipo de alojamento impõe. Um fenómeno comunmente associado ao bairro social de Santa Tecla é o tráfico de droga.

As notícias nos jornais que ligam o bairro ao tráfico de droga e à pequena criminalidade a ela associada são frequentes e contribuem para a ideia negativa que a maior parte dos habitantes da cidade fazem dele. O tráfico de droga acarreta consequências para a própria comunidade difíceis de quantificar. Por um lado, fruto do convívio que muito cedo mantêm com estas substâncias, muitos dos jovens da comunidade têm problemas de toxicodependência.

Por outro lado, verificam-se profundas transformações no tecido social decorrente do poder económico que algumas famílias adquiriram com este negócio, pois começam a ser muitas as famílias que, de forma direta ou indireta, dependem desse dinheiro.

O tráfico de droga faz também, com que o bairro seja frequentado por centenas de pessoas que não têm lá residência, e que se deslocam lá com o único propósito de comprar ou consumir estupefacientes.

A maior parte da população residente é adulta (56,8%), 27,7% têm até 18 anos inclusive, e apenas 15,5% são idosos.

A maior parte dos agregados são constituídos por 3 e 4 pessoas. No entanto, alguns agregados chegam a contar com 10 ou mais pessoas. A dimensão média dos agregados é de 2,9 pessoas/agregado.

Esta comunidade caracteriza-se ainda por níveis de escolarização e qualificação muito baixos, sendo que a maior parte dos residentes possui apenas o 1º ciclo do Ensino básico, sendo também muito significativos aqueles que não completaram este nível de ensino e ainda aqueles que não possuem qualquer habilitação escolar.

No que respeita à situação profissional, o número de reformados e pensionistas é muito elevado (38%). Seguem-se ainda os que exercem uma profissão remunerada (36%) e os desempregados e domésticas (26%).

Em linhas gerais pode considerar-se que a população apresenta baixos níveis de preparação académica e profissional, o que acaba por se refletir na débil relação que mantém com o mercado de trabalho, o que por sua vez condiciona um baixo níveis de rendimento.

Dados das Comunidades de Vila de Prado - Projeto Giro

Estima-se que residam cerca de 300 indivíduos de etnia cigana no concelho de Vila Verde. Sendo um concelho marcadamente rural, estes encontram-se divididos em pequenas e médias comunidades, maioritariamente em contexto de acampamento

marcado por elevados níveis de precariedade habitacional, com especial predominância a sul do concelho, na zona da Vila de Prado.

O projeto GIRO, trabalha com parte delas no entanto, aqui serão apenas caracterizadas duas das comunidades, Regalde de Cima e de Baixo. Poder-se-á falar apenas de uma comunidade, no entanto os próprios residentes e as diferenças organizativas levam a que haja esta diferenciação.

Estas duas comunidades estão situadas numa área rural, na freguesia de Oleiros, com acessos, única e exclusivamente para estas e separadas por escassos metros. O contexto habitacional destas comunidades é caracterizado por grande precariedade, existindo apenas sete habitações em situação de legalidade e com condições mínimas de habitabilidade para os padrões estandardizados (construídas pelo projeto Entre Margens no ano 2000). As restantes habitações são “barracas” de madeira, cobertas por zinco ou lona, muitas vezes com chão em terra ou gravilha. Em média as habitações têm pelo menos duas divisões e possuem alguns eletrodomésticos, visto todas terem eletricidade (embora de forma ilegal). Na comunidade de Cima, não existe água potável, sendo necessário percorrer vários quilómetros até ao fontanário público mais próximo. Esta falta de condições de habitabilidade tem originado algumas epidemias/doenças (hepatite, sarna, etc). Apenas na comunidade de Baixo existem quatro casas de banho e tendo estas, ligação direta à água (também esta de forma ilegal).

A comunidade de Regalde de Cima é composta por 23 agregados familiares, num total de cerca de 90 indivíduos a comunidade de Regalde de Baixo por 10 agregados com cerca de 30 indivíduos. Apesar de se tratar de comunidades sedentárias, em média as famílias encontram-se neste local ou na mesma zona há mais de 6 anos, a verdade é que se continuam a apresentar vários traços de nomadismo, ainda que por curto períodos. Foi possível identificar alguns locais de proveniência comuns, Barcelos, Braga, Aveiro e Matosinhos, facto revelador dos laços familiares transversais às duas comunidades. Identificaram-se ainda fortes ligações a Espanha, com a presença de quatro indivíduos de nacionalidade espanhola e influências linguísticas. Regista-se a alteração de números de agregados, nos que partem apenas por alguns meses, por situações tão diversas como visitas a filhos e outros familiares, problemas com a justiça, situações de rivalidade entre famílias, etc.

No que respeita à estrutura familiar, a maioria das famílias são biparentais na sua estrutura, exceção feita às famílias em que o elemento do sexo masculino está detido (5 homens detidos), com uma média de quatro indivíduos por agregado. Os dados obtidos apontam para que etariamente cerca de 56% da população é adulta, com idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos (no entanto apenas existem dois elementos acima dos 56 anos) e 44% da população jovem com idades inferiores a 18 anos. Existe apenas uma mulher idosa (com 80 anos) nas comunidades. Regista-se também em ambas as comunidades a existência de “casamentos” mistos, três na comunidade de Cima (duas mulheres e um homem não ciganos) e um na comunidade de Baixo (uma mulher), dois quais já existem filhos comuns. Foram também identificados três casos de crianças com deficiência.

Ao nível das qualificações, cerca de 30% da população adulta das duas comunidades não possui qualquer escolaridade, 45% tem habilitações ao nível do 1º ciclo do ensino básico, 30% ao nível do 2º ciclo, 4,5% ao nível do 3º ciclo (de mencionar que apenas dois são de etnia cigana e concluíram através da medida específica PIEF) e apenas um elemento do sexo feminino (não-cigana) tem o 12º ano. As crianças e jovens frequentam a escola, ainda que com elevado absentismo e o abandono reflete-se a partir dos 14 anos, especialmente no sexo feminino. Verifica-se a inclusão das crianças em jardim-de-infância ainda que com períodos de grande absentismo, em parte justificado pela não valorização cultural da escola, vendo-a como necessária, do ponto de vista funcional, na aquisição de competências de leitura e escrita básicas.

No que se refere à situação profissional, do ponto de vista legal, não existe qualquer tipo de atividade profissional em ambas as comunidades, verificando apenas uma situação de um não-cigano emigrado que contribui com parte do seu salário para o seu agregado. Como tal, oito agregados vivem do Rendimento Social de Inserção e abonos de família, vinte e cinco apenas de abonos de família, um com reforma, um com pensão por invalidez e um com complemento por deficiência. Informalmente verificamos que cerca de 10 agregados retiram dividendos da atividade de sucata, possuindo viaturas para o efeito e que um trabalha como segurança noturno numa obra da localidade, não existindo declaração destes rendimentos. Estas comunidades localmente estão identificadas com ligações ao tráfico de droga, furtos e roubo,

encontrando-se neste momento alguns elementos do sexo masculino detidos e alguns a aguardar julgamento.

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE IMPLEMENTAÇÃO E DOS PARTICIPANTES NO PROJETO

Projecto t3tris

A Escola E.B.1 / J.I. de Nogueira da Silva pertence ao Agrupamento de Escolas de Nogueira. Localiza-se no cimo do Bairro Nogueira da Silva, onde se situa também o Complexo Habitacional do Picoto. As turmas vão desde o pré-escolar até ao quarto ano. Na atualidade, esta escola comporta dois professores do ensino regular e uma educadora de infância, uma vez que, dado o número reduzido de alunos, a turma do 1º e 2º ano encontram-se juntas, bem como a do 3º e 4º ano. Na totalidade dos 28 alunos, 24 frequentam com frequência, sendo que 23 são crianças de etnia cigana, provenientes do Complexo Habitacional do Picoto. O teatro do Sarilhos do Amarelo foi aplicado a todas estas turmas nos anos letivos de 2010/2011, bem como no início do ano letivo de 2011/2012, tendo participado neste estudo cerca de 20 crianças (dado que cinco transitaram para o 2º ciclo no primeiro ano de aplicação e que no segundo ano deram entrada na escola 3 novas crianças). Todavia, por ausência de dados de algumas crianças, surgiram casos omissos no segundo momento de avaliação, participando apenas 15 participantes .

As crianças envolvidas no teatro do sarilhos do amarelo, são do primeiro ciclo que frequentam a Escola E.B.1 / J.I. de Nogueira da Silva, com a colaboração dois professores e uma educadora de infância. Estas crianças tinham entre os 6 e os 12 anos de idade e eram de ambos os sexos, sendo 70% do sexo feminino e 30% do sexo masculino.

De acordo com os docentes, algumas delas apresentam dificuldades académicas graves, não apresentando no entanto, grandes dificuldades a matemática, mas sim no português. São pouco estimuladas em casa e algumas não frequentaram o pré-escolar, pelo que apresentam lacunas em relação às crianças não ciganas. Para além disto, não apresentam grande motivação em relação à aprendizagem, dado que as suas espe-

cificidades culturais caminham nesse sentido, sendo que muitas crianças referem elas próprias não necessitar da escola, uma vez que pretende ser feirante no futuro.

Assim, o t3tris percebeu a necessidade de adaptar a ferramenta disponível de forma motivadora e lúdica. Pensámos assim, na promoção da autorregulação da aprendizagem como um bom ponto de partida.

Projecto Geração Tecla

O Sarilhos do Amarelo foi aplicado a crianças do 1º ciclo, que frequentaram as Escola E.B.1 / Centro Escolar de Vale de Lameações, E.B.1/ Santa Tecla e a E.B.1/ Bairro Duarte Pacheco no ano letivo de 2010/2011. Durante o ano letivo foi aplicado em 10 turmas divididas pelas várias escolas, num total de 45 crianças de etnia cigana.

A exemplo dos outros projetos, estas crianças são referidas pelas professoras como apresentando baixos indices de motivação perante a escola, não são alvo de estimulação externa à escola e, pressentem a escola como um ambiente hostil e imposto pela cultura maioritária no qual nada interessa para as suas rotinas diárias. São referidas também como tendo imensa dificuldade em realizar atividades que apelem ao pensamento abstracto, visto o seu crescimento ter sido realizado com uma presença sistemática e um apelo sobretudo a situações que envolvem o pensamento concreto.

Por último, a ausência da frequência do pré-escolar enfatiza dificuldades de aprendizagem, visto estas crianças ainda não terem adquirido competências básicas à aprendizagem supostamente no pré-escolar, como por exemplo, segurar o lápis.

Projeto GIRO

As crianças com as quais foi utilizado o Sarilhos do Amarelo, frequentam o 1º ciclo, que estudam na Escola E.B.1 / J.I. da Vila - Carvalinhos, no ano letivo de 2010/2011. Devido à sua localização esta escola serve as duas comunidades ciganas onde o projeto Giro intervém (Regalde de Cima e Regalde de Baixo). Durante o ano letivo em que foi aplicado, o 1º ciclo funcionou com 25 crianças, divididas por duas turmas,

primeiro e segundo ano com 16 crianças e terceiro e quarto ano com 9 crianças. Do total das crianças em 1º ciclo, 11 eram do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Destas 17 eram de etnia cigana, provenientes das comunidades atrás referidas. Uma destas crianças apresentava necessidades educativas especiais, com um grau elevado de dependência. Em termos etários as idades estavam compreendidas entre os 6 e os 14 anos de idade. Existem 4 crianças com uma retenção, 1 com duas, 1 com três e 1 com quatro. Em termos de absentismos verificou-se que 5 crianças apresentam absentismo grave, 3 absentismo moderado, 14 absentismo leve, 3 sem absentismo.

IMPLEMENTAÇÃO DO RECURSO

Projeto t3tris

Dadas as dificuldades académicas das crianças que frequentam a escola onde estamos sediados, não seria possível aplicar o Sarilhos do Amarelo de acordo com o modelo até agora testado, uma vez que as dificuldades destes alunos não o permitem. Desta forma, o t3tris achou mais coerente a adaptação dos conteúdos do Sarilhos do Amarelo a uma peça de teatro, que fosse ao encontro das necessidades da população, ajudando ao cumprimento dos objetivos específicos (promoção do sucesso académico) e auxiliando o trabalho que já é feito pelo projeto.

Numa primeira fase, o projeto tentou criar integralmente, a partir do Sarilhos do Amarelo, uma peça de teatro de fantoches. Começou por atribuir mais falas às personagens, eliminando algumas narrações. Todavia, esta tentativa foi inglória. Em contexto de sala de aula e com o auxílio da professora, o t3tris treinou as falas juntamente com os alunos. Uma vez que estes não conseguem ler na perfeição e o texto em si já é complexo, as falas não conseguiam ser memorizadas com facilidade. Por este mesmo motivo, ao fim de cerca de 10 sessões, o t3tris acabou por desistir desta modalidade.

Numa segunda fase, optámos por simplificar as falas e, novamente em contexto de sala de aula, tentámos auxiliar os alunos, ajudando-os a perceber o discurso das personagens, pensando ser o caminho mais completo para a boa aprendizagem dos conteúdos. Todavia, esta tentativa também não foi bem conseguida, uma vez que os

alunos se foram esquecendo das falas de umas cenas para as outras. Neste segundo momento, não conseguimos avançar da terceira cena de teatro criada, mesmo ao fim de quatro meses de intervenção semanal com as crianças. O próprio limite de tempo dado pelo Programa Escolhas, veio a tornar demasiado afritivo entrar por este processo tão moroso, pelo que o t3tris decidiu repensar novamente numa forma ainda mais alternativa de concretizar esta ação.

Assim, a versão final do Teatro do Sarilhos do Amarelo é composta por apenas algumas cenas de teatro e não pela obra integral. Embora este método de intervenção esteja pensado para promover múltiplas competências, o t3tris centrou-se naquela que lhe fazia mais sentido promover nos seus sujeitos. A peça de teatro é sobretudo dedicada à promoção de competências de resolução de problemas, sendo que, para tal, os técnicos selecionaram apenas a estória geral do Sarilhos do Amarelo, em especial o PLEA (Planear, Executar, Avaliar).

Sendo mais explícitos, o PLEA trata-se de uma fácil metodologia que pretende dar a entender às crianças, as etapas necessárias para a boa resolução de problemas e tarefas.

Do livro foram também apenas escolhidas as personagens essenciais à estória principal, neste caso à estória das cores do arco-íris em busca do amarelo que anda perdido (ver teatro completo em anexo).

O teatro Sarilhos do Amarelo tem a duração aproximada de 13 minutos. É constituído por dez cenas e por onze personagens principais e uma voz of que faz de narrador. Da peça fazem então parte as sete cores do arco-íris, a saber: o “azul”, o “anil”, o “violeta”, o “laranja”, o “vermelho”, o “verde” e o “amarelo”; e ainda a “águia-sorridente”; o “rio-dos-soluções”; a “árvore”; e a “formiga-general”.

Por uma questão de timing optámos por, ser a própria equipa do t3tris, a dinamizar as cenas, estando pensada uma apresentação às crianças, apresentação esta que contávamos que lhes fornecesse pelo menos alguns conhecimentos acerca de resolução de problemas.

Depois de simplificado o discurso das personagens, da seleção de cenas e da seleção das personagens, metemos mãos à obra e começámos a construir os fantoches

(ver passos para a construção dos fantoches no vídeo em anexo). Depois de construídos os fantoches criamos o cenário, com papel de cenário e lápis de cera, adequando o cenário à estória em si.

Procedeu-se então à divisão dos fantoches pelos três técnicos nomeados para esta função, tendo cada um ficado com o mínimo de quatro e o máximo de cinco personagens, à exceção do narrador que ficou apenas com duas personagens, facilitando a coordenação durante a peça.

De ressaltar que foram ainda construídos três origamis de galinhas com papel amarelo (ver como construir nos cantos superiores direitos de cada página da obra *Sarilhos do Amarelo*). Estes foram criados com o objetivo de serem lançados durante a peça, para lá do cenário, ou seja, na direção do público. Representavam as mensagens deixadas pelo Amarelo às amigas cores que cada vez que encontravam “um papel amarelo, em forma de galinha”, irradiavam felicidade.

Ao fim de cerca de cinco ensaios, a equipa já se sentiu preparada para apresentar às crianças o teatro. Procedemos a todas as questões logísticas e agendaram-se as datas.

No dia das apresentações optámos por montar o cenário numa sala à parte, de forma a surpreender as crianças. Quando entraram mostraram-se muito entusiasmadas e a peça começou depois de todos fazerem silêncio. Lendo pelas folhas que tinham com eles, os técnicos começaram então a peça (ver vídeo). Primeiro dinamizaram-na para os alunos do pré-escolar e do primeiro e segundo ano e depois para as turmas do terceiro e quarto ano. Em ambas as apresentações, houve momentos em que se tornou difícil manter o mesmo tom de voz, sendo que por momentos tivemos que aumentar, tentando abafar os ruídos de fundo que por vezes se ouviam na sala. Todavia, depois de observados os vídeos, apercebemo-nos que estes ruídos eram comentários dos alunos à peça. Saliente-se ainda que ao longo da peça as crianças participavam na busca do amarelo, afirmando que também o queriam procurar (ver vídeo). Reagiram de forma muito engraçada e com curiosidade aos origamis que eram lançados durante a peça na direção deles.

No final, foi sem dúvida visível o contentamento das crianças.

Ao longo de todo a aplicação do recurso, os professores estiveram sempre informados sobre todo processo, sendo necessárias reuniões esporádicas dos mesmos com a nossa equipa. Participaram ativamente nos ensaios das peças com as crianças.

Projecto Geração Tecla

O Projeto Geração Tecla aplicou o Sarilhos do Amarelo em 10 turmas das 3 escolas que acolhem crianças do Bairro Social de Santa Tecla, bem como à turma PIEF, nomeadamente o Centro Escolar Vale de Lamações, a Escola Básica n.º1 de Santa Tecla e a Escola Básica de 1º ciclo do Bairro Duarte Pacheco. Assim, para ser possível chegar a todas as crianças o projeto envolveu desde o início voluntários nesta atividade. Antes de iniciar a implementação do Sarilhos do Amarelo no terreno foi necessário formar os 25 voluntários envolvidos. Estes eram na sua maioria estudantes universitários (das mais diversas áreas). Após o término da formação, os voluntários foram divididos por grupos e colocados na turma em que o horário correspondia à sua disponibilidade.

Num momento posterior foi possível reunir com os professores das turmas e dar-lhes a conhecer o projeto mas também a ferramenta de forma a capacitá-los para aplicações futuras, sem necessidade da existência do projeto.

Durante as sessões, os voluntários foram sempre orientados pela equipa de investigação e pelo coordenador de projeto em reuniões de consultoria quinzenais ou mensais.

No terreno, o Sarilhos foi aplicado numa média de 12 sessões por grupo. No que se refere as estratégias utilizadas na intervenção foi seguido o modelo que já tenha sido aplicado em outros contextos, no entanto, acabou por se verificar que as crianças do projeto, por faltarem e não acompanharem a evolução da narrativa, bem como, pelo ritmo de compreensão e aprendizagem, não conseguiam reter as competências trabalhadas nas sessões. Devido a estes fatores foi necessário criar um acompanhamento mais personalizado após a aplicação da ferramenta.

No decorrer do desenvolvimento das sessões os voluntários manifestaram interes-

se e necessidade de realizar um acompanhamento mais individualizado às crianças, num momento pós-aplicação, todos os grupos de voluntários passaram a dirigir-se à sede do projeto e aplicar as competências autorreguladoras desenvolvidas na ferramenta pela aplicação prática dos conceitos durante o processo de estudo, no qual os voluntários faziam um apoio.

Na turma PIEF (Plano Integrado de Educação e Formação), e tendo em conta as suas especificidades (ser uma turma maioritariamente composta por jovens de etnia cigana) foi possível trabalhar as competências abordadas no decorrer da estória, através de uma identificação com a cultura cigana, assim, criou-se uma música do amarelo “aciganada” (em anexo). Na turma, também foi possível criar o momento do amarelo que era identificado com o cantar da música e com a personalização do espaço que foi realizada pelos jovens.

Projeto GIRO


A implementação do Sarilhos do Amarelo decorreu em contexto escolar, com crianças do 1º ciclo que frequentam a Escola da Vila, tendo sido envolvidas duas professoras, quatro voluntárias e duas técnicas do projeto GIRO. A aplicação do Sarilhos do Amarelo decorreu em 21 sessões ao longo do ano letivo de 2010/2011. Tendo em conta as dificuldades das crianças com as quais trabalhamos, não seria viável aplicar o Sarilhos do Amarelo de acordo com o modelo até agora testado, uma vez que as dificuldades destes alunos não o permitem. Desta forma, o projeto GIRO considerou pertinente a adaptação dos conteúdos do Sarilhos do Amarelo, que fosse ao encontro das necessidades da população, ajudando ao cumprimento do objeto central da sua implementação na aquisição de competências básicas ao nível do desenvolvimento e aprendizagem que permita uma maior aproximação à escola. Esta apropriação à escola pretende que os alunos olhem para a mesma não apenas como um lugar que apenas serve para fazer contas e aprender a ler, mas sim onde também se aprendem algo que para eles seja pertinente.

A implementação do Sarilhos do Amarelo constituiu uma oportunidade para trabalhar com as crianças um leque de estratégias de aprendizagem e de processos

de autorregulação, capacitando-as para aprender e desta forma promover o futuro sucesso escolar. A partir da narrativa desenvolveram-se diferentes atividades planejadas e realizadas numa lógica autorregulatória, que foram sendo ajustadas ao perfil das nossas crianças. Neste sentido, os objetivos para cada sessão foram sendo reformulados de acordo com a evolução e adesão do grupo. A estratégia inicial ao nível da planificação das sessões baseou-se essencialmente em simplificar de acordo com a evolução do grupo. O foco central ao longo das sessões foi sobretudo a promoção de competências de resolução de problemas, seguindo a metodologia PLEA (Planificar, Executar, Avaliar) que pretende dar a entender às crianças as etapas necessárias para uma boa resolução de problemas e tarefas. Do livro foram sendo selecionadas as personagens essenciais à estória, na aventura da procura das cores do arco-íris, pelo seu amigo amarelo que desaparece no bosque sem fim. Ao longo das sessões foram introduzidas diferentes personagens para trabalhar a estória. O “tio Jarbinhas” começou por fazer a narração; as “sete cores do arco-íris”, cada uma delas com uma característica psicológica que a diferencia; o “Rio-dos-Soluços”; “Águia-Sorridente”; o “Pássaro-Professor” e a “Formiga-General”.

Optou-se por dar início ao projeto com a “Hora do Amarelo” e a construção do “Canto do Amarelo”, num espaço situado na biblioteca onde decorrem as sessões semanalmente. As sessões do Sarilhos do Amarelo desenvolveram-se com dois grupos: o grupo A com crianças do 1º e 2º ano e o grupo B com crianças do 3º e 4º ano. Dentro de cada grupo e de forma a contornar as dificuldades ao nível da gestão de comportamento, atenção e concentração, optou-se por contornar esta dificuldade com a divisão da turma em pequenos grupos, destinando a tutoria de uma voluntária para cada subgrupo. O grupo A foi então, subdividido em 3 grupos e o grupo B subdividido em 2 grupos.

Tendo em especial atenção as especificidades do grupo a fim de promover o envolvimento e a motivação das crianças foi construída uma canção especificamente para acompanhar as sessões do programa. Tendo como objetivo dar alguma solenidade ao início da hora do Amarelo, a canção veio marcar uma rotina semanal. Com esta sinalização externa, pretendia-se preparar as crianças para as tarefas seguintes, disponibilizando-se para a aprendizagem.



Após a canção, o ritual segue-se e a cada sessão as crianças têm a oportunidade de saber ouvir a narração de um pequeno excerto da estória e trabalhá-la de seguida, através de atividades adequadas ao tema. No final de cada atividade sucederam-se momentos de reflexão e avaliação, discutindo o “como” e o “porquê”. Estes momentos foram os mais difíceis de concretizar, uma vez que as atividades de reflexão são as mais difíceis de integrar, tendo em conta a dificuldade apresentada pela maioria das crianças.



NOTAS









AVALIAÇÃO DO RECURSO

Projeto t3tris

Na avaliação do Teatro de Fantoches pelo projeto t3tris foram envolvidas as 15 crianças.

Foi utilizado um questionário sobre competências de resolução de problemas (ver em anexo), a competência mais estimulada com o teatro. Composto por questões de verdadeiro e falso, este questionário pretendia avaliar os conhecimentos obtidos numa lógica de que, segundo O'Brien (2001), fornecer informação correta acerca das competências que se pretendem desenvolver nos participantes pode favorecer a mudança das suas atitudes e, conseqüentemente, a alterações a nível comportamental.

Todavia, salienta-se que este questionário apresenta algumas limitações, uma vez que nem todas as crianças puderam ler as perguntas com facilidade e/ou compreendê-las, sendo necessária a leitura das mesmas questões em voz alta e, por vezes, o acompanhamento individual nas respostas às perguntas. Este auxílio poderá ter comprometido o carácter científico do questionário, uma vez que, com a explicação das questões, os técnicos poderão ter influenciado as respostas.

De qualquer forma, podemos afirmar com certeza (análise estatística obtida através do SPSS - Statistical Package for the Social Sciences) que existiu, de facto, uma mudança significativa na aquisição de conhecimentos. Do pré para o pós-teste, verificámos que a média de respostas corretas passou de 12,93 para 15,67, o que comprova um aumento de conhecimentos relativos ao processo de tomada de decisão.

Destaque-se que, apesar de esta ser uma amostra reduzida, parece haver uma tendência para que quanto maior o grau de escolaridade (comparando os alunos do 1ºano até ao 4ºano), maior o número de respostas corretas tanto no pré como no pós-teste. Não existem diferenças significativas entre sexos.

Assim, consolidada a aquisição destes conhecimentos, talvez se tenha conduzido estas crianças a tomadas de decisão mais ponderadas e, portanto, melhores escolhas.

Projeto Geração Tecla

A avaliação da intervenção foi realizada através do preenchimento de pré e pós teste do Questionário de Avaliação de Problemáticas Escolares (QAPE). Este questionário pretende avaliar essencialmente as competências autorreguladoras das crianças.

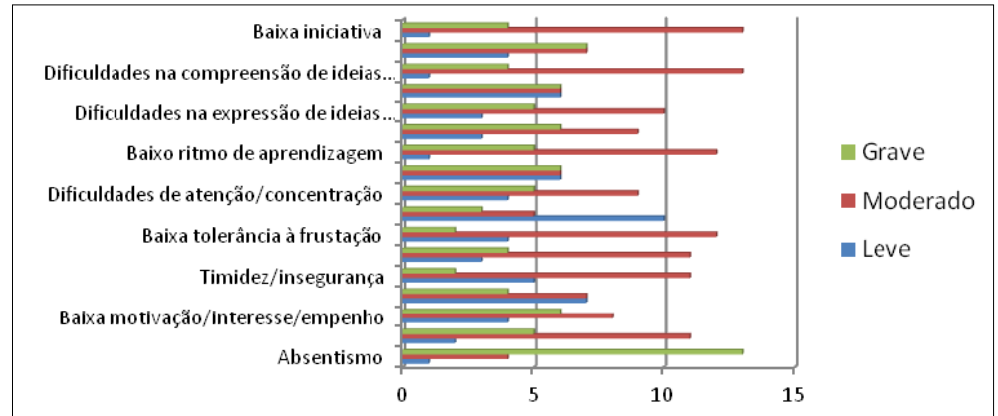
Deve-se salientar que o facto de as professores não responderem à totalidade das questões pode ter influenciado o resultado final.

Com a análise dos questionários foi possível verificar um aumento razoável nas competências relacionadas com o PLEA (Planear, Executar e Avaliar). Assim, constatou-se que dos 19 participantes, 65% aumentou as suas competências autorreguladoras (p.e na competência “Organiza as tarefas ou atividades” verificou-se uma aumento desta competência em 50%).

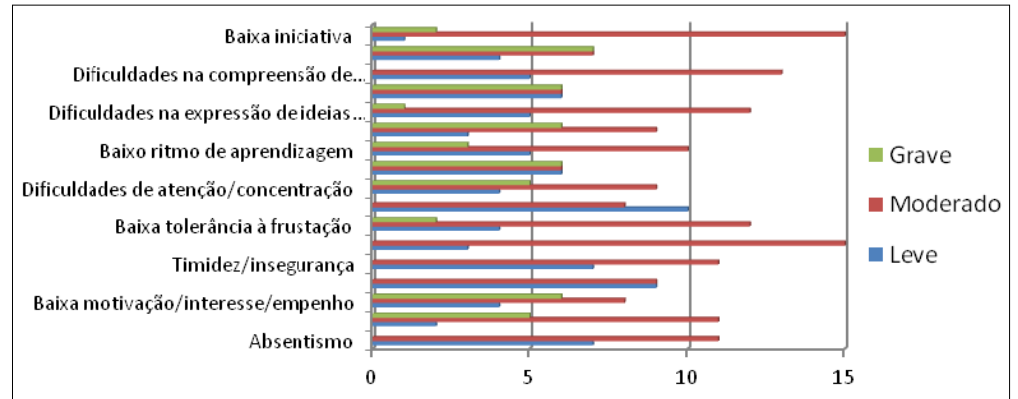
Torna-se importante frisar que se verificou no terreno uma maior capacidade de apreensão das competências trabalhadas pela estória, quando se inicia a aplicação da ferramenta no primeiro ano de escolaridade e quando trabalhada continuamente.

Foi também possível, verificar pela análise dos questionários um aumento positivo no comportamento face à escola, este crescimento pode estar relacionado com o sentimento de maior competência escolar.

Figura 1 – Análise dos principais problemas / dificuldades detetadas



Pré-teste



Pós-teste

Projeto GIRO

A avaliação da intervenção com as crianças da EB1 da Vila pelo projeto GIRO foi efetuada através da aplicação de um questionário de avaliação de Problemáticas Escolares (QAPE) (ver em anexo), cujo preenchimento foi efetuado pelas duas professoras titulares, que acompanharam as crianças em todas as sessões. O referido instrumento contempla um questionário sócio demográfico e ainda oito itens gerais (desempenho escolar; principais problemas e dificuldades detectados; comportamento face à aprendizagem; comportamentos de organização do trabalho; comportamento face à escola; comportamentos face aos outros; comportamentos emocionais e outras situações) de resposta tipo likert.

Foi realizada uma avaliação de pré e pós teste da intervenção supra referida, utilizando-se o procedimento estatístico, para comparação das médias o teste “t” de Student, com nível de significância a 5% ($p < 0,05$).

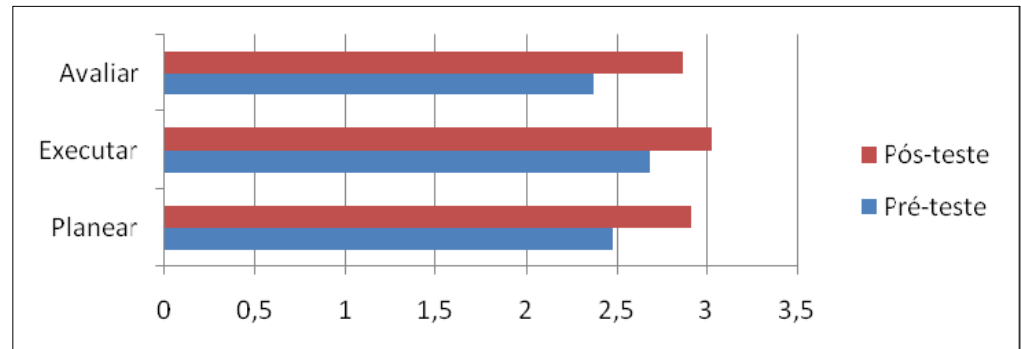
Na avaliação da utilização do questionário de pré e pós teste, verifica-se um aumento significativo ao nível das competências autorregulatórias nomeadamente, no planear e no avaliar ($p < 0,05$). Na análise por itens do QAPE, ao nível dos principais problemas, destaca-se um aumento significativo do “absentismo” no pós teste. Este resultado espelha as dificuldades sentidas pelo projeto ao longo da sua intervenção. Cabe, no entanto, ressaltar, a prévia apresentação de elevados níveis de absentismo por parte destas crianças no pré teste. Relativamente aos comportamentos face à aprendizagem, destaca-se uma diminuição significativa do comportamento “intervir inoportunamente” ($p < 0,05$). Nos comportamentos de organização de trabalho, destaca-se o aumento significativo a vários níveis: da capacidade de “organizar as tarefas ou atividades”, em “revelar espírito crítico sobre a sua forma de atuação quanto ao trabalho realizado”, de “definir objetivos de aprendizagem”, “escolher o método de trabalho próprio que mais se adequa ao exercício proposto”, “estabelecer uma ordem de trabalho, escolhendo alternativas caso não a consiga seguir” e “seguir o plano de trabalho estipulado” ($p < 0,05$). Destaca-se, ainda, o aumento altamente significativo no que se refere à “capacidade de detetar o erro e de o corrigir” ($p < 0,001$).

Para além dos resultados acima referidos, verificou-se uma diminuição significativa da “resposta precipitada - antes de ouvir as perguntas até ao fim” ($p < 0,05$). Nos

comportamentos face à escola é notório um aumento significativo no pós teste, no que concerne à “capacidade de iniciativa” e “retenção do aprendido” ($p < 0,05$). Por sua vez, na “obediência” constata-se uma diminuição significativa do pré teste para o pós teste ($p < 0,05$). Importa referir que no fator “obediência”, já se verificavam scores elevados no pré teste. Nos itens relativos ao comportamento face aos outros e aos comportamentos emocionais, não se verificam diferenças estatisticamente significativas.

Podemos afirmar através da análise estatística obtida através do SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) que existiu uma mudança significativa na aquisição de conhecimentos já que, do pré para o pós teste, verificámos um aumento estatisticamente significativo, o que comprova um aumento de nível das competências autorregulatórias por parte destas crianças. Podemos assim, observar a Figura 2, que apresenta o score médio para cada item do “planear”, “executar” e “avaliar”, avaliado no QAPE e compara as medidas pré e pós teste para cada participante.

Figura2 - PLEA (Planear, executar, avaliar)



CONSIDERAÇÕES FINAIS




A autorregulação da aprendizagem é um conceito que assume a criança/jovem como ator principal responsabilizando-se pelo seu agir educativo e pela sua própria aprendizagem e autonomia contínua. Assumindo-se este pressuposto, consideramos que o recurso deve estar em (re)construção permanente e deve ser sempre maleável consoante as especificidades do público-alvo, pensando a adaptação como um processo de melhoria contínua. Pese embora o facto de termos feito diversas alterações e adaptações à obra inicialmente formulada pela equipa de investigação da Universidade do Minho, tal facto não se prende por existirem diferenças cognitivas por parte das nossas crianças de etnia cigana relativamente às demais crianças. Estas alterações foram necessárias devido unicamente às especificidades culturais, sociais e familiares destas crianças.

Consideramos também que as potencialidades do recurso foram otimizadas com a existência de uma consultoria contínua por parte do grupo de investigação de autorregulação supervisionado pelo Professor Doutor Pedro Rosário e pela especialista em multiculturalidade, nomeadamente na comunidade étnica cigana, Professora Doutora Maria José Casa Nova. Recomendamos que, em aplicações futuras, seja usado o mesmo regime de consultadoria, nomeadamente através do apoio de especialistas nas áreas da interculturalidade e da autorregulação.

O Sarilhos do Amarelo no qual se baseou todo o trabalho de autorregulação trata-se de uma obra bastante complexa, mas que é adaptável e concretizável pois todos os alunos conseguem autorregular os seus processos de aprendizagem, comportando-se de acordo com as especificidades dos seus contextos de aprendizagem.

Segundo Pintrich, Zuscho (2002) e Schunk (2001) “os processos de autorregulação da aprendizagem podem ser estimulados em três vetores que não são necessariamente disjuntivos: indiretamente através da experiência pessoal, diretamente através da instrução e como produto da prática intencionada”. Assim sendo, o envolvimento dos professores e dos alunos é um fator crucial na promoção adequada da autorregulação. Efetivamente o envolvimento das escolas e dos professores mostrou-se crucial para a boa prossecução destas atividades. Estas escolas, desde o primeiro momento, têm trabalhado de forma efetiva e genuína com os projetos uma vez que



fazem parte do consórcio de parceiros. Contudo, houve um grande envolvimento profissional e pessoal de todos os intervenientes nestas atividades, após uma sessão de esclarecimento sobre o Sarilhos do Amarelo, realçando a importância dos processos autorregulatórios na aprendizagem dos seus alunos.

Um dos problemas com que nos deparamos no decorrer da aplicação do recurso, prendeu-se com a inexistência de um instrumento perfeitamente adequado ao público-alvo em questão, havendo necessidade de adequações para os diferentes contextos dos três projetos envolvidos.

Pese embora este facto, o recurso em questão pode ser aplicado em qualquer contexto, sendo flexível e adaptável a diferentes contextos e populações, sendo pela leitura de histórias, construções de teatros de fantoches, criação de ritmos e letras de músicas, entre outras atividades. Através da aplicação do PLEA qualquer atividade pode ser adaptada para promover e aumentar as competências de autorregulação.

Para aplicações futuras, sugerimos a leitura cuidada da história e do manual teórico, flexibilidade na adaptação de atividades e uma pitada de criatividade...

“A percepção de escolha é uma das variáveis que mais contribui para diferenciar os alunos autorreguladores eficazes da sua aprendizagem dos que não o são. Esta capacidade de perceber e selecionar entre as alternativas de ação que o contexto proporciona ao aluno, aquela que melhor se adapta ao seu padrão de aprendizagem, é um dos aspetos cruciais do processo autorregulatório” (Winne & Perry, 2000, cit. in Fernandes, O. 2009).





NOTAS









BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, R. (2011). Explorando uma outra Cultura: Conceções de Aprendizagem nas Crianças de Etnia Cigana. Dissertação de Mestrado em Psicologia pela Universidade do Minho.
- Casa-Nova, M. J. (2006). A relação dos ciganos com a escola pública: contributos para a compreensão sociológica de um problema complexo e multidimensional. *Interações*, 2, 155-182.
- Certal, C. (2011). Frequência da escola por rapazes e raparigas de etnia cigana: Um estudo de opinião de jovens ciganos do 4º ano de escolaridade. No âmbito da disciplina: Metodologias de Investigação em Educação.
- Fernandes, O. (2009). Estórias como ferramenta para promover competências de autorregulação: Um estudo no 4º ano de escolaridade. Dissertação de Mestrado em Psicologia.
- Rosário, P., Soares, S., Núñez, J. C., González-Pienda, J., & Rúbio, M. (2004). Processos de autorregulação da aprendizagem e realização escolar no Ensino Básico. *Psicologia, Educação e Cultura*, 8(1), 141-157.
- Rosário, P., Costa, J., Mourão, R., Chaleta, E., Grácio, L. Núñez, J.C., & González-Pienda, J. (2007). De pequenino é que se autorregula o destino. *Educação. Temas e Problemas*, 4(2), 281-293.
- Rosário, P., Núñez, J., & González-Pienda, J. (2007). Autorregulação em crianças sub-10: Projeto Sarilhos do Amarelo. Porto: Porto Editora.

RECURSO

UM AMARELO DE TODAS AS CORES

PROJETO

GIRO - GENTES E IDENTIDADES, RESPOSTAS E OPERAÇÕES
GERAÇÃO TECLA
T3TRIS

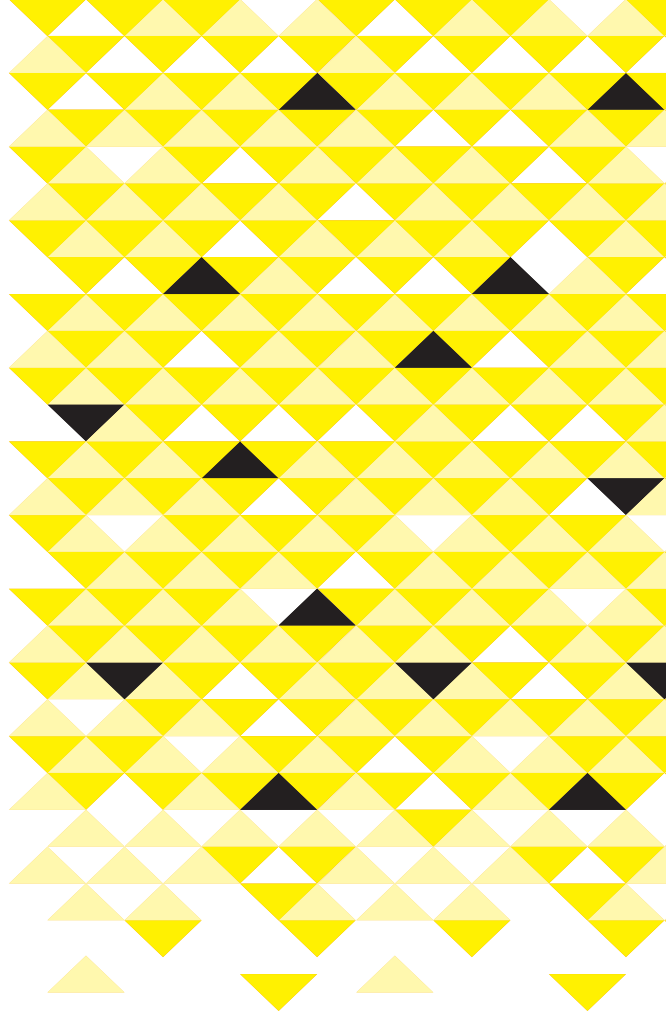
ESCOLA DE PSICOLOGIA-UNIVERSIDADE DO MINHO

INSTITUIÇÕES DE CONSÓRCIO

MUNICÍPIO DE VILA VERDE
DELEGAÇÃO DE BRAGA DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA
ESCOLA PROFISSIONAL AMAR TERRA VERDE - CENTRO DE
NOVAS OPORTUNIDADES
COMISSÃO DE PROTECÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS DE VILA VERDE
INSTITUTO PORTUGUÊS DA JUVENTUDE, I.P.
AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS DE PRADO
PIEC - PROGRAMA PARA A INCLUSÃO E CIDADANIA
PROVIVER EM
CENTRO SAÚDE VILA VERDE

CRUZ VERMELHA PORTUGUESA - DELEGAÇÃO DE BRAGA
ESCOLA PROFISSIONAL DE BRAGA - CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES
CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA
INSTITUTO PORTUGUÊS DA JUVENTUDE, I.P.
OFICINA DE INOVAÇÃO - INCUBADORA DE EMPRESAS
COMISSÃO DE PROTECÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS DE BRAGA
CENTRO DE RESPOSTAS INTEGRADAS DE BRAGA DO INSTITUTO DA
DROGA E TOXICODPENDÊNCIA

ABC DE BRAGA - ANDEBOL SAD
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE LAMAÇÕES
CENTRO CULTURAL E SOCIAL DE SANTO ADRIÃO
CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES DE MAXIMINOS
COMISSÃO DE PROTECÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS
INSTITUTO PORTUGUÊS DA JUVENTUDE
DIRECÇÃO GERAL DE REINSERÇÃO SOCIAL



RE / FAZER ESCOLA
COM O ESCOLHAS
COLHAS

